



Hucam 100 dias de Covid, Tadeu Bianconi.

# *Resquícios de uma pandemia: possibilidades de educar diante das perdas e do luto*

*Remnants of a pandemic: possibilities of educating in the face of loss and grief*

## **Resumo**

O presente artigo apresenta o curso de extensão universitária *Pedagogias do Esperançar: a arte de educar diante das perdas e do luto*, que teve como principal objetivo propiciar um espaço para partilha de saberes e acolhimentos referentes a perdas e lutos. Essa formação priorizou despertar o olhar atento dos educadores para o protagonismo e as narrativas das crianças sobre seus processos de elaboração das perdas. Oferecido pelo Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Infâncias, Culturas, Educação e Sociedade - GEPICES/CEFET/RJ, em ambiente remoto, o curso acolheu 130 participantes, que puderam evidenciar a necessidade de falar sobre dores individuais e coletivas, sobre a morte e o luto. Foram quatro encontros virtuais que trataram de diferentes aspectos relativos ao tema. Por meio de exposições teóricas, interações dialogadas, contação e narração de histórias, entre outras atividades, foram criados espaços para uma escuta ativa, ou seja, para o (com)partilhamento de percepções e sentimentos que, com base na Sociologia da Infância, puderam ser elaborados e ressignificados. Em seus depoimentos, participantes evidenciaram a importância das atividades propostas que ousaram trabalhar questões que a contemporaneidade insiste em ocultar. Ao final, a percepção de que as dores precisam ser elaboradas foi confirmada.

Palavras chaves: Luto. Infâncias. Literatura infantil. Formação de professores.

Silvana Magalhães  
Ananda da Luz Ferreira  
Poliane Tardim  
Soraia Wanderosck Toledo  
Priscila Mengali  
Lubia Custodio da Silva  
Leomar Rodrigues de  
Avellar Baptista  
Luciana Messa

[silvanaped@hotmail.com](mailto:silvanaped@hotmail.com)

Centro Federal de Educação  
Tecnológica do Rio de Janeiro

### *Abstract*

*This article presents the university extension course Pedagogias do Esperançar: the art of educating in the face of loss and grief, whose main objective was to provide a space for sharing knowledge and welcoming regarding losses and mourning. This training prioritized awakening the educators' watchful eye to the protagonism and narratives of children/adolescents about their processes of elaboration of losses. Offered by the Study and Research Group on Children, Cultures, Education and Society - GEPICES/CEFET/RJ in a remote environment, the course welcomed one hundred and thirty participants, who were able to highlight the need to talk about individual and collective pain; about death and grief. There were four virtual meetings that dealt with different aspects related to the theme. Through theoretical expositions, dialogic interactions, storytelling and narration, among other activities, spaces were created for active listening, that is, for the sharing of perceptions and feelings, which, based on the Sociology of Childhood, could be elaborated, resignified. In their testimonies, participants highlighted the importance of the proposed activities that dared to work on issues that contemporaneity insists on hiding. In the end, the perception that pain needs to be elaborated was confirmed.*

*Keywords: Grief. Childhoods. Children's literature. Teacher training.*

## INTRODUÇÃO

No ano de 2020, o mundo foi acometido pelo início da pandemia causada pelo Novo Coronavírus (COVID-19). A patologia provocada por este vírus, é altamente infecciosa e letal que afetou a população mundial em níveis inesperados, merecendo destaque os altos índices de óbitos e casos graves; saturação dos serviços de saúde; instabilidade econômica; aumento do desemprego; aumento da fome; mudanças nos padrões de interações sociais causados pela necessidade de distanciamento social. De acordo com dados oficiais do Ministério da Saúde do Brasil (BRASIL, 2022), entre março de 2020 até 8 de abril de 2022, foram 660.973 mortes em decorrência do coronavírus em todo o país, com números altíssimos de morte por dia. No ano anterior, em 8 de abril de 2021, ápice da pandemia, o número de mortos no dia chegou a 4.148.

A pandemia também trouxe um aumento dos casos de transtornos mentais e exacerbou aqueles que já estavam estabelecidos. Tavares (2021) afirma que:

*O aumento dos sintomas psíquicos e dos transtornos mentais durante a Pandemia tem sido muito significativo. Entre as possíveis causas desse aumento, destacam-se: a ação direta do vírus no sistema nervoso central; as experiências traumáticas associadas à infecção ou à morte de pessoas próximas; o estresse induzido pela mudança na rotina devido às medidas de distanciamento social; as mudanças nas rotinas de trabalho ou nas relações afetivas; a interrupção de tratamento por dificuldades de acesso ao serviço entre outros. (TAVARES, 2021. p. 02).*

Ainda sobre as causas desse aumento, Tavares (2021. p. 02) cita a Organização Pan- Americana de Saúde: “as mortes de entes queridos em um curto espaço de tempo, juntamente à dificuldade para realizar os rituais de despedida, dificulta a experiência de luto e impede a adequada ressignificação das perdas, aumentando o estresse”. Nesse sentido, este trabalho se debruça sobre a vivência partilhada durante a realização do curso de extensão universitária, Pedagogias do Esperançar: a arte de educar diante das perdas e do luto, que teve como principal objetivo propiciar um espaço para partilha de saberes e acolhimentos referentes a perdas e lutos.

Inspirado na visão freireana acerca da esperança enquanto sentimento que mobiliza à ação na prática cotidiana, o curso almejou apontar caminhos para o educar e “esperançar” perante as temáticas dolorosas que perpassam a vida de todos. Esperançar não é ter esperança do verbo esperar, mas, sim, cultivar a esperança no exercício do trabalho, do agir, pois o ato de esperançar motiva a construção e a transformação coletiva, como nos ensinou Paulo Freire (1992). O GEPICES acredita que é preciso esperançar em tempos de pandemia, diante da dor e da morte.

A morte é parte do ciclo vital, assim como as perdas simbólicas que poderão se apresentar de várias maneiras em qualquer fase da vida. Seria muito importante que esta temática fosse contemplada no ambiente escolar e no cotidiano familiar junto às crianças, pois “com adultos que saibam compreender essas várias mortes, provavelmente a criança estaria mais bem preparada para enfrentar perdas” (PAIVA, 2011, p.26). Lucélia Paiva (2011, p. 47) nos atenta para a importância dos familiares e outros/as adultos/as no momento do luto, pois têm papel fundamental no amparo da criança no instante em que ela experiencia as dores da perda e do luto.

A necessidade de se falar sobre a morte e criar espaços para a escuta ativa e acolhimento às pessoas enlutadas se mostrou evidente para o Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Infâncias, Culturas, Educação e Sociedade - GEPICES/CEFET/RJ, principalmente diante do cenário pandêmico que assolou drasticamente, seja de maneira direta ou indireta, a vida de pessoas pelo mundo inteiro. O GEPICES foi criado em março de 2020, sendo composto por servidores do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – Cefet/RJ e por colaboradores externos, alinhados, dentro de suas especificidades, aos temas propostos, por meio de estudos dialogados e construções teórico-práticas.

Ao final de 2021, o Brasil ainda anunciava números alarmantes de infectados e óbitos causados pelo coronavírus. Os prejuízos ao bem-estar socioemocional eram impactantes e, durante os encontros e estudos realizados pelo GEPICES, ao longo deste mesmo ano, constatou-se que, no cotidiano, pouco se fala sobre a morte concreta e que abordar esse tema, especialmente em tempos de pandemia, era uma necessidade.

O trabalho está estruturado nas seguintes seções: Método, Resultados e Discussões e Considerações Finais. Na seção Método estão descritas informações acerca de como o curso foi organizado, tais como carga horaria, periodicidade, os cuidados éticos adotados, quantitativo e perfil dos participantes. Esta seção conta com quatro subseções onde são apresentadas as atividades realizadas em cada encontro, bem como a metodologia aplicada. A seção Resultados e Discussões, aprofunda os referenciais teóricos que nortearam cada encontro, além de apresentar dados sobre adesão e o envolvimento dos cursistas, no decorrer dos encontros, assim como o retorno dos mesmos sobre a relevância e impacto do trabalho desenvolvido. Na seção Considerações Finais, buscou-se trazer a percepção global, por parte dos organizadores do curso, sobre o trabalho realizado e a importância das ações de extensão universitária com enfoque em espaços de escuta e partilha.

## MÉTODO

O curso de extensão surgiu do desejo de proporcionar um espaço aberto à fala, à escuta e à partilha de saberes com a temática da morte, da perda e do luto, além de disponibilizar ferramentas para educadores e outros profissionais que precisam lidar com estes assuntos em seu cotidiano, principalmente no âmbito de trabalhos que envolvem crianças. O curso acolheu pessoas que, majoritariamente, atuavam na educação básica, mas também houve participantes com atuação na saúde, esporte e estudantes de licenciaturas. É importante ressaltar que recebemos pessoas de todo Brasil em decorrência dos encontros serem virtuais.

Diante da urgência de se debater sobre perdas diversas e o lidar com tantas dores, sejam individuais ou coletivas, a formação visou contemplar: i) a realização de atividades vinculadas à arte; ii) a promoção de discussão teórica que abarcasse a temática da morte e do luto; iii) a oferta de contação de história e mediação de literaturas; iv) oficina de confecção de recursos para contar histórias e, por fim, v) a construção de um ambiente favorável à escuta ativa e à fala espontânea.

O curso ocorreu em quatro encontros, às quintas-feiras, entre os dias 04 e 25 de novembro de 2021, em plataforma virtual (*Zoom*) de forma síncrona, com duração de 2 horas cada encontro, 18h às 20h. Foi criado um grupo de *WhatsApp* com

o intuito de auxiliar os participantes, disponibilizar o conteúdo bibliográfico apresentado durante os encontros e solicitar materiais necessários a realização das atividades. Os cuidados éticos adotados foram firmados com o compromisso de que nenhum encontro fosse gravado, com sigilo e descrição dos relatos pessoais partilhados durante a vivência. A grande procura pelas inscrições, com o acolhimento de 130 pessoas, foi um indicativo da necessidade de elaborar e discutir o tema.

Abordar as perdas simbólicas, a morte e o luto não é tarefa fácil, visto que contempla aspectos culturais, sociais, religiosos e subjetivos. Entretanto, olhar para estas implicações traz a conscientização de nossa humanidade e, portanto, de nossa finitude. O contexto pandêmico em que estivemos inseridos escancarou a inevitabilidade da perda, da dor e do sofrimento. Os sujeitos infantis carecem de formas mais ativas de se relacionarem com o coletivo. A inviabilidade de condições que circunscrevem a vida cotidiana das crianças pequenas, trouxe impactos mais profundos nesses sujeitos. Imergidos no contexto de ruptura da interação, as crianças foram, então, objeto de maior preocupação. Como estariam as crianças? Diante deste cenário, como ajudar adultos a contribuírem positivamente com as crianças na elaboração de seus lutos?

Para fundamentar nossos trabalhos, buscamos inspirações no referencial teórico da Sociologia da Infância que, embora seja campo recente de pesquisa e discussões, tem sido o solo fértil para as reflexões, conversas e construções do nosso grupo de estudos e pesquisa. Autores como Corsaro (2011), Qvortrup (1994) e Sirota (2001) constituem suas bases teóricas, e nos ajudam a pensar e a olhar para a criança sob a perspectiva desse novo paradigma, revendo, assim, nossas representações sobre ela e considerando a infância como um período socialmente construído. Corsaro (2011, p.15) afirma que “as crianças são agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas”.

A formação priorizou despertar um olhar atento dos educadores para o protagonismo e as narrativas das crianças sobre seus processos de elaboração das perdas, trazendo a arte como parte integrante desse processo. Assim, tivemos uma pedagogia que partiu da criança e suas dores, para refletir e aprender com elas. Sob esta perspectiva metodológica, organizamos o curso em quatro encontros dedicados a eixos específicos, descritos a seguir.

## Primeiro encontro

O primeiro encontro teve como título: “*Ressignificando a dor, o luto e a morte: as crises contemporâneas e a pedagogia do vírus*”, no qual tivemos como inspiração Santos (2020), que problematiza o quão as pandemias estão conectadas ao capitalismo e quais reflexões, ou lições, podem nos provocar. Começamos com a apresentação do GEPICES, da proposta do curso e, em seguida, realizamos uma atividade que se dividiu em dois momentos, com uma folha de papel (de qualquer tipo). No primeiro momento, foi pedido que cada cursista rasgasse sua folha em pedaços, simbolizando as perdas e os rasgos internos de cada um em tempos pandêmicos. No segundo momento, orientou-se que com os recortes, fosse realizado a reconstrução, em uma forma que fizesse sentido para pessoa, simbolizando uma possível reconstrução interna.

Após a atividade, foi trazida uma importante discussão teórico-existencial

que auxiliou o diálogo com o processo do curso: como pensar a dor, o luto e a morte na contemporaneidade, provocando um questionamento de como nossas representações, mentalidades e construções sociais sobre a finitude, nos diferentes tempos históricos, também compõem nossa psique, as formas como nos relacionamos com as perdas e a finitude. Para esta discussão foram apresentados slides com o referencial teórico, que fundamentou este primeiro encontro, e a exibição de alguns pequenos vídeos documentais. Após a exposição, foi aberto o espaço para a manifestação dos participantes, bem como a escuta ativa e acolhimento.

## Segundo encontro

O segundo encontro, intitulado: *Para falar de luto é preciso falar de amor*, teve como objetivo propor uma reflexão sobre a travessia da dor. Como ponto de partida dessa travessia, apresentamos como reflexão a perspectiva do “Sentir a Vida”, através de uma vivência de relaxamento e meditação. Os participantes foram convidados a se sentarem de maneira confortável e a se observarem, levando a atenção para cada parte do corpo e para o ritmo da respiração, permanecendo assim por 1 minuto. A intenção desta vivência era trazer o foco para o momento presente. Em seguida, executou-se a reprodução da música composta por Vinícius de Moraes e Tom Jobim (1958) *Eu sei que vou te amar*, como reflexão sobre as possibilidades do “para sempre eu vou te amar” e a realidade de viver com saudade da pessoa amada.

Após a atividade, foi trazida a reflexão do “Sentir a Vida”, destacando a importância de dar sentido a dor insondável, como a perda de uma pessoa amada. Diante do sofrimento da ruptura dos laços afetivos, ampliado por um contexto trágico, escolhemos a dor de amar como caminho de reflexão e elaboração, à luz de Yalom e Yalom (2021, p.20), quando diz que “o luto é o preço que pagamos por amar os outros”. Da mesma forma que por amar sentimos dor, é pelo amar que podemos transformar essa dor. Para esta discussão, foram apresentados slides com referencial teórico, e após a exposição, o espaço para escuta e acolhimento foi aberto.

## Terceiro encontro

O terceiro encontro intitulado: *O uso da literatura infanto-juvenil como recurso para abordar as perdas e contribuir com a elaboração do luto* foi dedicado às histórias que vivem dentro e fora dos livros, dialogando com as literaturas, a contação de história e a mediação de leitura.

O objetivo foi apresentar as possibilidades de uso da literatura e demonstrar como podem ajudar na construção de diálogos com quem passa por momentos dolorosos, fazendo conexões com outros mundos e o nosso.

Neste dia, iniciamos a atividade de desenhar a Lemniscata, uma curva algébrica que tem o formato do número oito deitado, o símbolo do infinito. A atividade possibilitou fortalecer o ritmo e a respiração, pois, no mesmo tempo que desenhavam, foram convidadas a inspirar e respirar. Com isso, todos puderam relaxar e entrar na energia do encontro. Em seguida, os cursistas assistiram a contação da história *Ana e a Amoreira* (TARDIN, 2022). Por meio do teatro de mesa, foram construídos bonecos e um cenário como recurso. A apresentação do teatro foi previamente gravada e exibida no dia do encontro, por receio que algum imprevisto acontecesse ao vivo.

Após a apresentação, trouxemos outro debate: a importância da mediação de leitura e da contação de histórias que são atos diferentes, porém importantes. O debate teve grande relevância porque os cursistas, em sua maioria professores, foram provocados a pensar que a contação de história pode ser realizada a partir de uma história em um livro ou não. Desse modo, compreenderam ser uma narrativa oral, sem o apoio do livro. Para este debate, foram exibidos slides com o referencial teórico e mediações de leitura, com as obras: Colecionadora de Cabeças (MATSUSAKI, 2020) e Pode chorar, coração, mas fique inteiro (RINGTVED; PARDI, 2020). Em seguida, o espaço para escuta e acolhimento foi aberto.

## Quarto e último encontro

O último encontro, intitulado *Síntese: construindo práticas coletivas para abraçarmos a dor e o luto*, abriu espaço para o protagonismo dos participantes. Iniciamos a mediação com leitura do livro *O Reino do Aqui* (MAGALHÃES, 2021), sobre a trajetória de uma criança venezuelana e migrante no Brasil. Em seguida, propusemos que os cursistas compartilhassem, oralmente e/ou através do *chat*, suas trajetórias no curso, na vida pessoal e profissional, afetadas pelas discussões durante o processo de formação.

Foram trazidas contribuições ricas sobre os processos de luto, vividos por muitos no decorrer da pandemia, e como as reflexões ajudaram nessas travessias. Diferentes profissionais relataram situações que estavam vivendo, relacionadas aos medos e mortes no seu entorno profissional. Uma das questões presentes em diferentes relatos foi sobre tentativas de suicídio, em seus entornos e como estavam sendo afetados por esta questão.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

As contribuições deste curso de extensão atingiram dimensões imensuráveis tanto para os participantes cursistas quanto para o GEPICES, tendo em vista que apresentou aspectos que dialogaram com o subjetivo e as práticas profissionais. No entanto, é preciso revelar dados que consideramos relevantes à adesão ao curso e o retorno dos participantes com relação às atividades realizadas e à experiência com a formação.

O Curso recebeu 146 inscrições e a frequência nos encontros foi em média de 130 pessoas muito envolvidas com a proposta. Ao final, foram emitidos 110 certificados aos cursistas com 75% de frequência. Sobre o perfil dos participantes, pode-se destacar que 90% eram mulheres trabalhadoras da educação formal. Também tivemos a participação de profissionais da saúde, esporte e estudantes de licenciaturas. O curso trouxe pessoas de diferentes estados brasileiros, como São Paulo, Espírito Santo, Ceará, Mato Grosso, Paraná e Distrito Federal, mas a maioria do Rio de Janeiro.

Nas atividades realizadas a cada encontro, evidenciou-se que o objetivo de proporcionar um momento para expressão e diálogo sobre a temática proposta foi alcançado. A maior parte dos participantes se demonstrou motivada para realizar as atividades e interessada nas discussões teóricas propostas. Durante o primeiro encontro, pensadores como Ariès (2012), Bauman (2007), Frankl (1991) e Chul Han (2021) guiaram as discussões sobre a dor, o luto e a morte.



De acordo com Ariès (2012), desde a Idade Média, a morte era algo familiar, domado. Os ritos eram pensados, planejados e vividos coletivamente. O protagonismo de morrer, como morrer e com quem era outorgado ao moribundo. A modernidade, com o avanço da medicalização da morte e representações centradas no aqui agora, desprovido de transcendência, tem aproximado a construção atual de morte de algo interdito. Desse modo, tiramos a morte da vida e os mortos de vista. Bauman (2007) nos acrescenta que a vida concreta é vivida de forma tão intensa, porque não temos nada que nos alivie de um fardo depois, seja em ideias metafísicas ou ideológicas, que só nos resta a angústia de um curto aqui e agora, fugindo da nossa própria finitude.

Partimos da ideia de que a consciência da transitoriedade da nossa existência é um estímulo para uma atuação responsável (FRANKL, 1991), um comprometimento com o mundo e com a humanidade na sua construção. Para isso, a dor não é desprovida de sentido e precisamos, como sociedade e como educadores, construir caminhos coletivos para sustentarmos simbolicamente as nossas dores. Esse foi um dos principais alicerces sob o qual o curso, desde o primeiro encontro, objetivou construir sentidos coletivos e espaços de narração da dor, do luto e da sua elaboração. (CHUL HAN, 2021).

Os participantes do curso, em sua maioria, não haviam tido a oportunidade de uma reflexão sobre a morte e o luto a partir desse olhar e avaliaram como é pertinente e transformador poder pensar sobre sua própria forma de sentir. A partir das reflexões feitas, os integrantes expuseram nos encontros, o quanto se sentiram autorizados a experimentar conscientemente, e genuinamente, o sentimento da dor, do luto, da sua forma, no seu tempo, sem as cobranças pós-modernas da velocidade, do esquecimento e da descartabilidade da dor.

No segundo encontro, as reflexões foram conduzidas pelo pensamento de Nasio (2007); Arendt (2011) e Franco (2021). Com a pandemia, muitas questões foram impostas sobre a realidade do sofrimento e o luto experienciado adquiriu proporções não imaginadas. Vivenciamos as dimensões de um luto coletivo e individual marcados ora pela falta, ora por severas restrições dos rituais fúnebres, que representam um fechamento e uma concretude tão necessários para esse processo, além das próprias vivências de perdas e rupturas que aconteceram em consequência dos desdobramentos da doença. Assim, os cuidados específicos nesse tempo se tornaram um grande desafio.

Para falar de luto é preciso falar de amor, pois “a dor só existe sobre um fundo de amor” (NASIO, 2007, p.21), e aprender a viver com a ausência pode ser a principal tarefa do luto. Tendo como aporte as reflexões de Arendt (2011) quando afirma que “toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história”, apresentamos a proposição básica do construcionismo, em que o luto pode ser vivido e ressignificado, possibilitando, assim, a transformação da dor. “Pela perspectiva da narrativa, o ser humano constrói uma história de vida que é indiscutivelmente própria” (FRANCO, 2021, p.67-69). Diante dessa consideração, através da narrativa pessoal, temos a possibilidade de validar o luto e reconstruir o seu significado. Redefini-lo promove uma redefinição de nós mesmos, bem como a redefinição de nossa maneira de nos engajarmos no mundo. Como estratégia de construção da autonarrativa imersa nessas temáticas temos a possibilidade integrar a perda à vida e, assim, continuar a viver com a dor transformada. O que me trouxe até aqui pode ser o mesmo caminho para me levar a seguir adiante: o amor.

O terceiro encontro foi orientado pelas contribuições teóricas de Sisto (2012); Andruetto (2012); Adichie (2021); Vendruscolo (2005). A intenção era apresentar a literatura infantil como importante recurso para abordar temas dolorosos e incentivar não só prática da mediação de leitura, mas, também, a contação de histórias, discorrendo brevemente acerca de suas particularidades, como por exemplo o fato de que em uma contação de histórias, os recursos não devem sobressair a história e nem mesmo o maior dos recursos para o contador: a voz e o corpo. Ainda porque, como afirma Sisto (2012, p. 101), “o corpo tenha papel fundamental na transposição da história escrita para a narração oral”, não se deve esquecer que o ponto central é a história em si e os recursos são coadjuvantes na contação.

Um aspecto interessante sobre a história narrada é que foi escrita por uma integrante do GEPICES, especialmente para esse curso. Entitulada “Ana e a Amoreira” a narrativa apresenta Ana, uma menina que gosta muito de brincar e de cuidar das plantas. Como presente de aniversário, ela ganhou uma muda de amoreira que se tornou sua grande amiga. Um dia, Ana se deparou com o indesejável encerramento do ciclo vital da amoreira e a dor da perda foi instaurada em seu coração. Como lidar com isso? Ana contou com o apoio de sua tia Glória que a ajudou a elaborar seu luto e ainda conseguiu ressignificar a morte de sua amiga amoreira.

Para a apresentação desta história foi montado o teatro de mesa, a fim de difundir essa prática e mostrar que é possível realizá-la no cotidiano familiar, escolar e comunitário, foi sugerido oferecer a sessão de contação de história para os cursistas. A experiência foi muito positiva, visto que alguns participantes relataram nunca terem assistido ao teatro de mesa.

Prosseguindo com as discussões, ressaltamos que o mais importante, no que tange a contação de história, não é reproduzir na íntegra a história e sim respeitar a narrativa com toda licença sem “ignorar esse quê de performático do contar histórias” (SISTO, 2012, p. 141), pois para essa arte é permitido improvisação e agregar outros elementos ao enredo.

Sobre a mediação de leitura, foi mencionado que ela se dá através da apresentação da obra literária em voz alta, e quem faz a mediação vai fazê-la na íntegra. Nesse momento, é permitido diálogos e interpretações, mas a linguagem da obra não é alterada. A apresentação prosseguiu, com a afirmativa da pesquisadora e escritora Andruetto (2012, p. 54), que “as ficções que lemos são construções de mundos, instalação de ‘outro tempo’ e de ‘outro espaço’ ‘nesse tempo e nesse espaço’ em que vivemos”. Compreendendo as literaturas nesse lugar de conversa, em que se amplia a visão de mundo, convidamos os cursistas para refletir como os livros podem contribuir nesse momento de retorno das aulas, após a pandemia, em que vivemos um luto coletivo.

Poderíamos transpor essa mesma discussão do sentir individual e coletivo sobre morte para as crianças, a partir da pesquisa de Vendruscolo (2005). A morte é parte da vida e por isso a autora pontua ser necessário falar sobre ela, por maior que seja o temor e a angústia advindos desse assunto. Ela escutou crianças em situação de luto. Decorrente das suas vivências clínicas, queremos destacar a fala de uma delas sobre o significado de imortal: “É o que não morre... pode ir embora, mas fica no coração. Que nem inesquecível. Quando a gente gosta é imortal pro outro e fica assim, sem esquecer”. Sobre a palavra inesquecível tem também

a seguinte sentença: “Quando a gente gosta de alguém, esse alguém, ele mora no coração da gente e é inesquecível... (...) Sabe tia, minha mãe não entende essa música” (VENDRUSCOLO, 2005, p. 31).

Apresentamos, durante o curso, a literatura como possibilidade de puxar conversa sobre morte, até porque é direito da criança sentir. Não se pode furtar isso delas. Quem nos atenta para isso é a pesquisadora Vieira (2019), a autora provoca uma reflexão sobre a literatura como lugar de afeto, onde podemos submergir em determinados sentimentos para revisitar e encontrar conforto, ou para um recomeço a partir dos livros. Nessa perspectiva, apresentamos a literatura como esse espaço de sentir e reelaborar. Uma vez que as crianças sabem que a morte existe, mas não tem oportunidade de falar sobre ela, a literatura é a possibilidade de apresentar outras percepções sobre esta temática, um assunto tabu na sociedade contemporânea.

No quarto e último encontro não houve discussão teórica, pois, o principal objetivo era ampliar o espaço de escuta e partilha, a fim de compreendermos como foi a experiência deste trabalho de extensão para cada cursista. Foi muito gratificante ouvir aqueles que puderam expressar o quanto que esta experiência agregou positivamente em suas vidas. A maioria dos participantes disse se sentir acolhido e encorajado. Para eles, o curso também foi fonte de muito aprendizado.

Reproduzimos aqui algumas falas literais, visibilizando a voz dos participantes e suas impressões sobre o processo e suas produções.

Figura 1:  
atividade do primeiro encontro.

Fonte: acervo do grupo de pesquisa.



“Através da dinâmica de ontem compreendi que a dor serve como uma ferramenta de transformação pela reconstrução a partir de uma ressignificação desse sentimento. Com pedaços de papel rasgado construí um círculo, representando o ciclo da transformação incessante da vida. Gratidão pela oportunidade de experimentar.”<sup>1</sup> (Figura 1 /dinâmica do papel picado)

<sup>1</sup>Depoimento de cursista sobre atividade realizada.

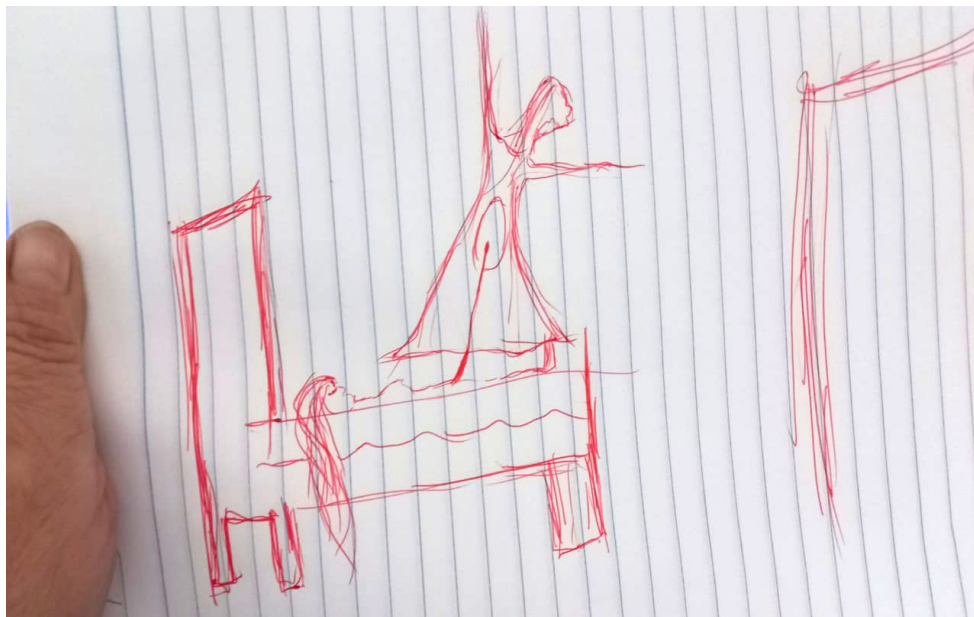


Figura 2:  
atividade do segundo encontro.

Fonte: acervo do grupo de pesquisa.

“Na pandemia, o meu corpo entrou em repouso e minha mente saía o tempo todo para encontrar o outro e a mim mesma. Para mim, o pior luto é quando uma parte de você mesmo morre você sabe que vai viver, o resto de sua vida, sem você mesma.”<sup>2</sup> (Figura 2/dinâmica do desenho)

<sup>2</sup>Depoimento de cursista sobre atividade realizada.



Figura 3:  
oficina de confecção de bonecos.

Fonte: acervo do grupo de pesquisa.

<sup>3</sup>Depoimento de cursista sobre atividade realizada. *“Para mim o mais importante do curso foi refletir sobre o tempo do luto. Percebi o quanto a gente menospreza o nosso luto e o luto das outras pessoas, porque achamos que a vida precisa continuar e não validamos esse sentimento tão grande e que influencia em tantas coisas nas nossas vidas.”*<sup>3</sup>

<sup>4</sup>Depoimento de cursista sobre atividade realizada. *“Adorei também o terceiro encontro com a contação de histórias, achei lindo e emocionante. Todo curso conseguiu me tocar como ser humana e me fortalecer, entendi que o luto faz parte da vida e não podemos tentar evitá-lo e nem forçar que ele acabe antes do tempo, temos que nos respeitar e deixar viver.”*<sup>4</sup>

<sup>5</sup>Depoimento de cursista sobre atividade realizada. *“Todo o curso foi muito importante, pois nos quatro encontros, um tema se interligou com o outro. Porque tudo que nós estamos passando e nossas crianças, foram abordados de forma leve e reflexiva. Já depois do primeiro encontro, pude me expressar em duas situações de perdas, com firmeza e sabendo o que estava falando com propriedade. Essa segurança foi o curso que me deu. Quando estou em qualquer situação, onde tenho que me expressar e colocar meu ponto de vista, lembro do curso, até mesmo vendo um filme com minha família.”*<sup>5</sup>

Percebemos, pelas falas dos integrantes, que duas temáticas apareceram com mais frequência: a discussão sobre o luto e a reelaboração deste através da Literatura Infantil, como maneira de ressignificar e construir novas narrativas sobre a dor, a morte e a finitude.

Na avaliação final, forma escrita, diversos integrantes ressaltaram que o curso já estava impactando sua prática com os alunos. Professores relataram terem reproduzido algumas dinâmicas do curso em sala de aula e usado textos sugeridos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de um cenário mundial de pandemia, percebemos a profunda necessidade de tratarmos questões como perdas e luto, em especial, para as crianças. Para tanto, optamos por fazer germinar o curso de extensão, pois sabemos do potencial da extensão universitária em contribuir com desenvolvimento e bem estar social. Este curso teve por objetivo principal propiciar um espaço para partilha de saberes e acolhimentos referentes a perdas e lutos, através da escuta ativa. Os encontros, com diferentes abordagens e estratégias, fizeram emergir histórias e emoções que, (com) partilhadas, puderam ser problematizadas e ressignificadas.

Ousamos, por meio deste trabalho, em um contexto de alienação em relação ao sofrimento, evidenciar a necessidade de problematizar o luto, ressignificar a dor e encarar a nossa finitude. Acolhidos pelos participantes do curso, fomos ouvidos e ouvimos ativamente histórias e relatos. O acolhimento mútuo aconteceu, como também o aprofundamento do tema. Brincamos, criamos e choramos. Pudemos, juntos, perceber a necessidade de espaços como este para a saúde emocional dos seres que resistem humanos, em meio a tamanha desumanização contemporânea.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Notas sobre luto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ANDRUETTO, María Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

- ARENDET, H. **Entre o passado e o futuro**. 6. ed. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ARIËS, Phillippe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012. BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus**, 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 09.mai.2022
- CHUL HAN, Byung. **A sociedade paliativa: a dor hoje**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- FRANCO, Maria Helena Pereira. **O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- MAGALHÃES, Silvana Bezerra de. **O Reino do Aqui**. Nova Friburgo-RJ: Sabor de Leitura, 2021.
- MATSUSAKI, Ana. **Colecionadora de Cabeças**. São Paulo-SP: Editora do Brasil, 2020.
- NASIO, Juan-David. **A dor de amar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- PAIVA, Lucélia Elizabeth. **Arte de falar da morte para crianças: a literatura como recurso para abordar a morte com crianças e educadores**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2011.
- TARDIN, Poliane. **Ana e a Amoreira**. São Paulo-SP: Amélie Editorial, 2022.
- QVORTRUP, Jens. et al. **Childhood matters: social theory, practice and politics**. Aldershot: Avebury, 1994.
- RINGTVED, Glenn e PARDI, Charlotte. **Pode chorar, coração, mas fique inteiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- SANTOS, Boaventura de Sousa, **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra, Portugal: Edições Almedina S.A., 2020.
- SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. São Paulo: **Cadernos de pesquisa**, n.112,Mar/2001. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cp/a/X8n4RcnLnhdysvSwNG5Tww/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 abr. 2022.
- SISTO, Celso. **Textos & pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.
- TAVARES, Cláudia Mara de Melo. O impacto da Covid-19 na saúde mental. Edição Suplementar Covid-19. **Online Brazilian Journal of Nursing** (OBJN). 15set2021. Disponível em: <https://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/6538>. Acesso em: 22 jun. 2022.
- VENDRUSCOLO, Juliana. **Visão da Criança sobre a Morte**. Medicina (Ribeirão Preto) [Internet]. 30 de março de 2005 [citado 22 de julho de 2022]; 38(1): 26-33. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/420> Acesso em: 22 jun. 2022.
- VIEIRA, Mariana Amargós. **A morte e a criança: a importância dos temas difíceis nos livros para infância**. 2019. 29 f. TCC [especialização] - Pós-Graduação O Livro Para Infância, A Casa Tombada/FACCON, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://biblioteca.acasatombada.com.br/items/show/1716>. Acesso em: 22 jun. 2022.
- YALOM, Irvin D.; YALOM, Marilyn. **Uma questão de vida e morte**. São Paulo: Editora Planeta/Paidós, 2021.